

DIADORIM: A *PERFORMANCE* DE UMA IDENTIDADE NÃO NORMATIVA

Rosane Lopes Correa¹
Daniele Ribeiro Fortuna²
Fabiana Bazilio Farias³

RESUMO: Este artigo tem como objetivo contribuir para as discussões acerca da personagem Diadorim, do livro *Grande sertões: veredas*, de João Guimarães Rosa. Trata-se de uma personagem muito rica, cuja complexidade ainda dá margem a vários debates. Apoiando numa perspectiva interdisciplinar, que parte da sociologia, da história e da literatura, o foco desta discussão é a questão da identidade da personagem, que foge aos padrões heteronormativos e apresenta uma performance de gênero que não se enquadra nas práticas sociais previamente estabelecidas. Diadorim é uma personagem ambígua, cujo comportamento desestabiliza o binarismo feminino/masculino. Inicialmente, o artigo aborda a questão da identidade (HALL, 2003) e contextualiza brevemente a época em que o romance foi escrito, a década de 1950. Em seguida, apresenta resumidamente algumas investigações sobre *Grande sertão: veredas*. Posteriormente, expõe alguns conceitos relativos a estudos de gênero, principalmente, o de performatividade (BUTLER, 2003). Finalmente, a partir de abordagens teóricas sobre gênero apresentadas, propõe uma análise da personagem Diadorim.

Palavras-chave: Diadorim; identidade; performatividade.

DIADORIM: THE PERFORMANCE OF A NON-NORMATIVE IDENTITY

ABSTRACT: This article aims to contribute to the discussions about the character Diadorim, from the book *Grande sertões: veredas*, by João Guimarães Rosa. He is a very rich character, whose complexity still gives rise to several debates. Supporting from an interdisciplinary perspective, which starts from sociology, history, and literature, the focus of this discussion is the question of the identity of the character, who escapes heteronormative patterns and presents a gender performance that does not fit into previously established social practices. Diadorim is an ambiguous character whose behavior destabilizes female / male binarism. Initially, the article addresses the issue of identity (HALL, 2003) and briefly contextualizes the time when the novel was written, the 1950s. It then briefly presents some investigations about *Grande sertão: veredas*. Subsequently, it exposes some concepts related to gender studies, mainly the performativity (BUTLER, 2003). Finally, from the theoretical approaches on gender presented, proposes an analysis of the character Diadorim

Keywords: Diadorim; identity; performativity.

¹ Mestre em sociologia pela UFRJ. Docente da Universidade Unigranrio.

² Doutorado em Letras pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil (2007); Professor Adjunto Doutor I da Universidade do Grande Rio - Unigranrio.

³ Doutora em literatura comparada pela UERJ; Pós-doutoranda na Unigranrio.

*João não nasceu mulher e quis virar homem.
Nada disso.
João nasceu homem, mas preso num corpo de mulher.
(KAISER, 2009 apud NERY, 2011)*

Introdução

Na contemporaneidade, assistimos empresas associarem suas marcas a questões como inclusão da diversidade, empoderamento feminino, respeito às diferenças, tendo como protagonistas artistas trans. Produtos culturais como novelas, livros de memórias, indústria cinematográfica e redes sociais colocaram em discussão as identidades trans (que são pessoas que constroem suas vivências para além da demarcação biológica), apontando para mudanças na maneira de pensar e viver o gênero na sociedade. As descobertas científicas e tecnológicas também permitiram a “manipulação estética da superfície do corpo”, a intervenção e a remodelação do corpo contribuíram para a construção de novas identidades (SANTAELLA, 2003, p. 200).

A identidade tem sido uma questão tanto para as ciências sociais quanto para o movimento social. Os movimentos feministas, que tinham sua produção teórica centrada em conceitos como trabalho e violência, mudam o foco para identidade e representação (BRUSCHINI; NUBEHAUM, 2002). Portanto, questões sobre a conceitualização da identidade, que já eram discutidas pela teoria social, ganharam as ruas e os critérios de normalidade e anormalidade que relacionam comportamento à genitália são problematizados pelas experiências das pessoas que vivem o trânsito entre os gêneros.

Como afirma Stuart Hall (2003), a identidade está em crise, e as profundas mudanças pelas quais a sociedade contemporânea está passando alteraram a forma de conceituar a noção de sujeito e de construir nossas identidades, identidades descentradas, abertas e inacabadas, em oposição ao sujeito cartesiano centrado e unificado. A “crise de identidade” pode ser “vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando estruturas e processos centrais da sociedade moderna” (HALL, 2003, p. 7).

Tendo como ponto de partida as discussões expostas, este artigo propõe discutir a questão da identidade de pessoas que vivem o trânsito entre os gêneros trans a partir da personagem Diadorim do livro *Grande Sertão: Veredas*, de João Guimarães Rosa. Diadorim/Reinaldo é o grande amor de Riobaldo, personagem principal. O romance se desenvolve em torno da relação de amizade e amor entre estes dois jagunços e do mito fáustico. No entanto, Riobaldo recusa a paixão por Diadorim porque ele é um homem e ele nunca teve “inclinação para os vícios desconhecidos” (ROSA, 2001, p. 162). Antônio Cândido (2014), no entanto, afirma que “Riobaldo se apaixonou certo porque Diadorim é uma mulher.” A ambiguidade da personagem Diadorim é apontada na fortuna crítica

sobre o livro e também está presente nos debates sobre identidades trans e expressam o conflito com as normas de gênero.

Dessa forma, utilizaremos como escopo teórico discussões acerca das identidades para, a partir de abordagens teóricas sobre gênero, propormos uma análise da personagem Diadorim.

Grande Sertão: veredas e a identidade brasileira

Grande sertão: veredas foi lançado em 1956 e é narrado em primeira pessoa pela personagem de Riobaldo, que conta suas aventuras como jagunço em retrospectiva. Com uma linguagem que mistura o erudito e o popular e que também traz grandes contribuições pelos neologismos e pelas peculiares estruturas das frases, a obra configura-se como um marco na literatura brasileira. Entende-se que “a temporalidade da obra gira em torno de dois momentos: de um lado, as estórias recuperadas do narrador-protagonista indicam o final da Primeira República, ao passo que o presente da narração – quando Riobaldo já se encontra aposentado da jagunçagem – indica certa proximidade à época em que se deu a escrituração do romance”. (DEMETRIO, 2011, p. 318)

A década em que foi lançada a obra pode ser caracterizada como o momento em que modernização e desenvolvimento são temas constantes na política nacional, questões presentes na narrativa Roseana, “que as converte em narrativa épica, alegorizando os receios e esperanças face à incorporação do sertão e do conjunto do Brasil à modernidade.” (DEMETRIO, 2011, p. 319) Rosa toma como referência a situação socioeconômica do latifúndio, a insubmissão dos latifundiários às leis do governo federal e as lutas entre bandos rivais de jagunços.

[...]o autor plasma no mesmo livro duas ordens distintas de fatos, a pública e a privada, e que pesem tratamentos diferentes, o épico para a primeira, que deve teatralizar a saga de um povo, a luta e os conflitos da assimilação civilizatória; e o romanesco, para a segunda, que encena os descaminhos do herói na realização das expectativas da vida amorosa e privada. (RONCARI, 2004, p. 21)

A fortuna crítica sobre *Grande sertão: veredas* aponta a década de 50 como um momento de grandes interpretações do Brasil⁴ e Rosa como um pensador e intérprete do país a partir da perspectiva literária, inserido neste movimento com uma narrativa “antropológica da realidade brasileira” (CARELLI, 2014).

Emerso desse território característico onde literatura, política e história encontram suas raízes, *Grande Sertão: Veredas* pode ser entendido, entre muitas outras possibilidades, como a surda tentativa de iluminar uma visão do Brasil e convertê-la em palavras, por meio da contemplação espantada de um mundo arcaico, longínquo, fechado sobre si mesmo, supostamente imóvel e mítico — o Sertão. Como

⁴ Ver Boille, Starling, Roncari e Carelli.

consequência, o núcleo central do romance consegue realizar o trabalho de recriar, literariamente, os pontos de tensão e de ancoragem entre uma configuração histórica bem-determinada — as relações sociais e de poder consolidadas ao longo dos primeiros cinquenta anos da República brasileira, especialmente durante a República Velha —, e as tentativas de transformação de uma comunidade territorial, linguística, étnica ou religiosa numa república, [...]. (STARLING, 2001)

Assim, o romance *Grande sertão: veredas* é uma “elaboração universalizante do problema da identidade brasileira” (ROSENFELD, 2003, p. 703). Rosa dialoga com os autores do início do século XX, como Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda e Euclides da Cunha, que engendraram o debate sobre a formação do Brasil e da identidade brasileira. Em comum, os autores fazem uma análise do passado para elaborar essa identidade nacional com o signo da mistura, construída a partir das experiências de portugueses, africanos e indígenas. Riobaldo, autêntico representante dessa mistura, é filho de mulher índia, mãe solteira, com o coronel Selorico Mendes, proprietário de fazendas.

Rosenfield, Cândido, Bolle e Carelli apontam a importância do ensaio *Os sertões*, de Euclides da Cunha, na obra de Rosa. Rosenfield (2003, p. 704) considera *Os sertões* ponto de partida da “espiritualização imaginária” da obra de Guimarães Rosa e como “uma nova maneira de conceber o Brasil”. Enquanto Antônio Cândido (2014) afirma que Rosa reconstitui o sertão a partir dos elementos euclidianos como a terra, o homem, a luta sem nenhuma relação de causalidade entre eles ou a visão determinista de Cunha. Para Carelli (2014) e Bolle (2001), *Grande Sertão: Veredas* seria uma reescritura de *Os sertões*. Rosa propõe uma inversão e, nesse sentido, buscou incorporar a fala do sertanejo, diferentemente de Euclides da Cunha, que assume a perspectiva da intelectualidade da época.

Segundo Starling (2001), “o Sertão de Guimarães Rosa é enunciado como uma das mais fortes representações do processo de construção da identidade brasileira”. Dessa forma, o Sertão não será apenas cenário, mas uma outra personagem que representará uma faceta da identidade brasileira ainda pouco explorada: “O sertão está em toda a parte”, afirma Riobaldo. Seja pela forma singular com que representa o sertão, seja pela linguagem ímpar, uma de suas principais contribuições aos estudos literários foi indiscutivelmente a personagem complexa de Diadorim.

O campo da literatura comparada revelou-se muito amplo no que diz respeito à abordagem sobre o romance. Em 2001, Bolle, em artigo intitulado “Diadorim: a paixão como médium-de-reflexão”, afirmava que já haviam sido publicados mais de 1500 estudos sobre o romance, mas nenhum texto de forma exclusiva e aprofundada à personagem de Diadorim. Atualmente, o cenário é distinto, já que pesquisa no banco de teses da CAPES, em maio de 2019, revelou mais de 70 estudos sobre a personagem, a maior parte deles na área de Letras. Entretanto, trata-se de uma personagem

muito rica, cuja complexidade ainda dá margem a várias discussões. Dessa forma, de maneira a contribuir para esse debate, a partir de uma perspectiva interdisciplinar, pretende-se explorar, nos limites desse texto, a construção dessa personagem. Feito o recorte, analisaremos algumas discussões em torno da identidade de gênero e a questão da produção social das identidades trans.

Identidades: destino ou escolha

Vivemos em uma normatividade de gênero marcada pela diferença nos corpos a partir de uma perspectiva binária, em que o masculino e o feminino seriam expressões de diferenças naturais do sexo. “Dois corpos, dois gêneros, uma sexualidade” (BENTO, 2008, p. 178), esta seria a concepção hegemônica de gênero em que as identidades estariam ancoradas em referentes biológicos relacionados à genitália dos corpos.

Contraopondo-se a esta definição, temos a teoria *queer* que argumenta que não há um corpo generificado, um corpo naturalmente de homem ou de mulher determinado pela genitália. Para esta teoria, gênero está associado à prática social, e as demandas de reconhecimento e autodeterminação, a signos corporais que são reconhecidos como femininos ou masculinos. Ser mulher ou homem não está determinado pela biologia, mas por experiências, performances sociais. Para Butler (2003), as identidades de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça estabelecem interseções e são discursivamente construídas. A autora radicaliza a proposta de Hall (2003) e afirma a identidade de gênero como performática. Em sua reflexão sobre identidade de gênero, ela aponta para a falta de coerência e consistência na constituição do conceito. Para ela, “é impossível separar a noção de ‘gênero’ das interseções políticas e culturais em que invariavelmente ela é produzida e mantida.” (BUTLER, 2003, p. 20)

A autora problematiza a categoria mulher como sujeito do feminismo e sua possibilidade como política representacional. A identidade de gênero elaborada a partir da categoria mulher é rejeitada por Butler. Ela afirma que a categoria não denota “uma identidade comum” e não constitui “uma base universal para o feminismo”, apesar de “construir uma solidariedade da identidade” e manter a hipótese binária do gênero. (BUTLER, 2003, p. 20)

No debate feminista, o conceito de gênero assume significados culturais, distinguindo-se de sexo que foi atrelado à biologia, mas Butler questiona esta distinção afirmando que:

a distinção sexo/gênero sugere uma descontinuidade radical entre corpos sexuados e gêneros culturalmente construídos. Supondo-se por um momento a estabilidade do sexo binário, não decorre daí a construção de “homens” aplique-se exclusivamente a corpos masculinos, ou que o termo “mulheres” interprete somente corpos femininos. (2003, p. 24)

A autora entende que o conceito de sexo foi produzido pelos discursos científicos e pelo aparato social a partir do qual o conceito foi estabelecido. Não faz sentido colocar o sexo fora da produção discursiva como se ele fosse anterior a cultura, “colocar o sexo num domínio pré-discursivo é uma das maneiras pelas quais a estabilidade interna e a estrutura binária do sexo são eficazmente asseguradas”. (BUTLER, 2003, p. 25) Nesse sentido, Butler defende a reformulação do conceito de gênero para compreender as relações de poder e os efeitos das construções culturais sobre o conceito de sexo. Sexo é utilizado como um termo descritivo para as diferenças anatômicas, mas os significados dados a estas diferenças são históricos. (WEEKS, 2000)

Butler (2003) procura repensar as categorias de gênero para além da metafísica da substância. Ela argumenta que “não há identidades de gênero por trás das expressões de gênero; essa identidade é performativamente constituída, pelas próprias expressões tidas como seus resultados” (BUTLER, 2003, p. 48). Para a autora, o significado é construído e materializado no diálogo entre os sujeitos; ela critica a produção de identidade que seja pré-discursiva. A performatividade seria uma prática de produção de sujeito que acontece na interação social. Portanto, o corpo não é um dado natural, mas construído social e historicamente. “Nossas identidades são resultados de nossas histórias, elas se materializam em nossos corpos, negar a construção delas é desconhecer quem somos, inventando uma essência que não existe” (BENTO, 2008, p. 85)

Segundo Butler, o sujeito se constitui na relação social. Na prática, isto significa que o corpo e o sexo não são entendidos como inatos. Portanto, o gênero, por não estar aprisionado ao corpo naturalizado, faz parte dos processos discursivos. O que a autora propõe é não reduzir gênero à sexualidade, isto significa que práticas sexuais como sexo anal não pressupõem um gênero, este seria o primeiro movimento. O segundo movimento próprio à teoria *queer*:

[...] é argumentar que gênero não é redutível à heterossexualidade hierárquica, que ele toma formas diferentes quando contextualizado pelas sexualidades *queer*, e que, de fato, seu binarismo não pode ser tomado como dado fora do quadro heterossexual, que gênero é internamente instável, que as vidas dos transgêneros são evidência da quebra de quaisquer linhas de determinismo causal entre sexualidade e gênero. (BUTLER, 2014, p. 269).

A dissonância entre gênero e sexualidade é uma das questões que podemos analisar na personagem Diadorim. Em todas as descrições de Riobaldo, Diadorim é um jagunço corajoso ou bravo guerreiro, ou ainda “um menino bonito, claro, com a testa alta e os olhos aos-grandes, verdes” (ROSA, 2001, p. 118). No texto de Rosa, Diadorim é um jagunço diferente dos outros não só por sua beleza, mas também por certos comportamentos que surpreendiam Riobaldo.

Até aquela ocasião, eu nunca tinha ouvido dizer de se parar apreciando, por prazer de enfeite, a vida mera deles pássaros, em seu começar e descomeçar dos voos e pouso. Aquilo era para se pegar a espingarda e caçar. Mas o Reinaldo gostava: - “É formoso próprio...” - ele me ensinou. [...] - “É preciso olhar para esses com um todo carinho...” - o Reinaldo disse. Era. Mas o dito, assim, botava surpresa. E a maciez da voz, o benquerer sem propósito, o caprichado ser – e tudo num homem – d’armas, brabo bem jagunço – eu não entendia! (ROSA, 2001, p. 159)

Ao narrar o comportamento de Diadorim (Reinaldo), Riobaldo aponta a dissonância, a desestabilidade dos papéis (masculino/feminino). O masculino no sertão é árido e selvagem (“sertão é onde manda quem é forte, com as astúcias”), no entanto apreciar a beleza desta região, observar os pássaros por puro prazer sem objetivo são gestos que confundem o reconhecimento da identidade masculina por Riobaldo. A construção do comportamento de Diadorim excede os limites do binário, identidade que não se conforma às normas de inteligibilidade cultural da construção do gênero feminino no sertão. Os traços da personagem e as características de seu comportamento não trazem apenas a masculinidade do sertanejo, que em Diadorim se apresenta em seu senso de justiça e também por sua coragem e valentia, mas nas características que confundem e que estão neste espaço de travessia, como quando afirma Riobaldo: “Diadorim é a minha neblina” (ROSA, 2001, p. 19).

Estudos críticos feitos sobre *Grande Sertão: Veredas* observam a feminilidade de Diadorim como deslocamento, mas ao mesmo tempo como uma marca indissociável da personagem⁵. No entanto, Riobaldo não duvida de sua masculinidade, “quando apresenta gradativamente sua relação com Reinaldo/Diadorim, tecendo em fios saudosistas o que foi a sinuosa relação com o amigo que o encantou, participa a esse leitor (e ouvinte) as sutilezas de gostar cada vez mais, [...], em todo seu despojamento e força de outro jagunço.” (VILALVA, 2008, p. 233) Durante toda a narrativa, Riobaldo afirma seu amor por um homem:

De um aceso, de mim eu sabia: o que compunha minha opinião era que eu, às loucas, gostasse de Diadorim, e também, recesso dum modo, a raiva incerta, por ponto de não ser possível dele gostar como queria, no honrado e no final. Ouvido meu retorcia a voz dele. Que mesmo, no fim de tanta exaltação, meu amor inchou, de empapar todas as folhagens, e eu ambicionando de pegar em Diadorim, carregar Diadorim nos meus braços, beijar, as muitas demais vezes, sempre. (ROSA, 2001, p. 29)

E a ambiguidade da personagem está presente nas descrições de seus atributos nos estudos realizados sobre o romance:

Simultaneamente, porém, é no momento em que sustenta sua posição de homem diante de Riobaldo e luta, ainda assim, com toda determinação, para ser correspondida, que a virilidade de Diadorim revela o mesmo traço que marca sua

⁵ Ver Albuquerque (2009) e Starling (2001).

feminilidade: imaginação, desmesura, atrevimento, intrepidez, crueldade, cólera, tenacidade, inteligência, extravio. (STARLING, 2001)

Será que esses estudos críticos estão enredados no discurso do sexo biológico e na construção de identidades aprisionadas nas evidências da natureza dos corpos? Starling (2001) aponta que Diadorim transforma seu destino ao se tornar “sujeito da ação que se realiza publicamente” e sua escolha de se tornar um jagunço “coloca em questão a própria identidade masculina como representação de um dispositivo discursivo”. A questão para as autoras é que parece que existiria uma determinação inicial que condicionaria o sistema binário; até mesmo o dispositivo discursivo estaria condicionado por esta determinação inicial. Para “as narrativas naturalizantes da heterossexualidade compulsória” (BUTLER, 2003), ser mulher ou homem estaria determinado pela biologia.

O sistema binário (masculino *versus* feminino) produz e reproduz a ideia de que o gênero reflete, espelha o sexo e que todas as outras esferas constitutivas dos sujeitos estão amarradas a essa determinação inicial: a natureza constrói a sexualidade e posiciona os corpos de acordo com as supostas disposições naturais. (BENTO, 2008, p. 17)

A reflexão sobre a coerência dos atributos de gênero está presa a uma construção fictícia para Butler (2003, p. 47), “[...]o gênero como substância, a viabilidade de homem e mulher como substantivos, se vê questionado pelo jogo dissonante de atributos que não se conformam aos modelos sequenciais ou causais de inteligibilidade”. Portanto, Diadorim expressa o questionamento da construção da identidade de gênero limitada ao binarismo.

A partir da leitura de Butler, é possível propor que a personagem Diadorim fez uma transição entre os gêneros. Diadorim parece performar uma outra identidade a partir de signos corporais masculinos. Sua vivência como jagunço exemplifica o gênero como performance social, sua experiência identitária não está atrelada a sua genitália feminina. Sua identidade ultrapassa os essencialismos.

Manter o termo “gênero” em separado de masculinidade e feminidade é salvaguardar uma perspectiva teórica que permite analisar como o binarismo masculino e feminino esgotou o campo semântico de gênero. Quer estejamos nos referindo à “confusão de gênero”, “mistura de gêneros”, “transgêneros” ou “cross-gêneros”, já estamos sugerindo que gênero se move além do binarismo naturalizado. A assimilação entre gênero e masculino/feminina, homem/mulher, macho/fêmea, atua assim para manter a naturalização que a noção de gênero pretende contestar. (BUTLER, 2014)

Diferentemente de outras análises, não pretendemos realizar uma leitura a partir da compreensão de que Diadorim é apenas uma personagem feminino que se veste de homem, mas analisar a personagem tendo como referência os estudos *queer*. Esse caminho possibilita discutir a

construção de identidades de gênero que não se conformam às normas de inteligibilidade cultural. As experiências identitárias como, por exemplo, a transsexualidade e travestilidade que transitam entre os gêneros é nossa hipótese de análise da personagem Diadorim.

A(s) identidade(s) de Diadorim

Ao analisar a personagem Diadorim a partir do mito da donzela guerreira, Batista (2012) afirma que tal mito estaria presente em obras literárias diversas, fazendo parte de várias culturas e do imaginário popular em várias épocas históricas. Bento (2008) também aponta o trânsito entre os gêneros em várias culturas e momentos históricos. Podemos entender que a experiência transexual seria uma experiência identitária conhecida em várias sociedades. No entanto, como considera Bento (2008), estas pessoas que fizeram a passagem de um gênero para outro desapareceram da vida pública a partir do século XIX e se tornaram objeto dos compêndios médicos.

A transsexualidade é uma experiência histórica elaborada na década de 1950 que só pode ser pensada a partir dos “discursos científicos sobre as diferenças biológicas entre homens e mulheres, construídos nos séculos XVIII e XIX” (BENTO, 2008, p. 25). A disputa entre isomorfismo e dimorfismo marcou o debate. Para o isomorfismo, existiria apenas um corpo: a mulher seria “fisiologicamente um homem invertido que carregava dentro de si tudo que o homem trazia exposto” (BENTO, 2008, p. 26). Nesse modelo, a diferença entre os corpos de homens e mulheres era representada em termos de grau. Enquanto no dimorfismo, as diferenças estariam nos corpos e seriam irrelativizáveis.

Da espessura da pele ao tamanho do crânio, da estrutura psíquica aos complexos, tudo é diferença. A refinada engenharia da diferença sexual esquadrinhou os corpos com o objetivo de provar que não há nada em comum entre o feminino e o masculino. O único momento de encontro possível aconteceria no ato sexual. (BENTO, 2008, p. 29)

Segundo Bento (2008), as pesquisas de Friedli e Laqueur indicaram que a disputa entre isomorfismo e dimorfismo expressaria a redefinição do masculino e do feminino na sociedade moderna, com os “novos papéis de mãe, dona de casa e de esposa imputados ao feminino” (BENTO, 2008, p. 28). No dimorfismo, a vida seria ditada pela natureza, a ideia de complementariedade neste modelo ganharia “inteligibilidade através da heterossexualidade”, que “não seria exclusivamente uma prática sexual, mas um regime de poder” (BENTO, 2008, p. 30).

No modelo proposto pelo isomorfismo, não haveria conflito entre o corpo sexuado e o gênero, na medida em que a diferença entre homens e mulheres é apenas de grau. “A existência de um único

corpo dificulta pensarmos na existência da transexualidade, experiência identitária resultado da medicalização das condutas” no âmbito do dimorfismo (BENTO, 2008, p. 32). Este modelo constrói a heterossexualidade/transexualidade e oculta esta produção, a partir da premissa de que todos devem vivenciar os corpos universalmente. Nesse sentido, as primeiras cirurgias de transgenitalização aconteceram na década de 1920 com o objetivo de adequação sexual. Na década de 1950, “Harry Benjamin cria o conceito de transexualismo, com o qual se passa a teorizar e descrever o fenômeno transexual”. (ARAN, 2006, p. 53) Portanto, “Novas identidades sociais tornaram-se visíveis, provocando, em seu processo de afirmação e diferenciação, novas divisões sociais e o nascimento do que passou a ser conhecido como ‘política de identidades’” (LOURO, 2000).

Ao abordar o tema da transexualidade, Castel (2001, p. 80) periodizou sua história científica e cultural em quatro fases distintas: a primeira fase, no final do século XIX, com as pesquisas científicas de Magnus Hirschfeld, com a despenalização da homossexualidade que seria um dos objetivos da sexologia nascente. A segunda fase, entre as duas grandes guerras, com o desenvolvimento da endocrinologia, vai tornar possível o fenômeno transexual para o autor. A terceira fase, que vai de 1945 a 1975, foi marcada pela “tradição americana de sociologia empírica e sua teoria da influência determinante do meio”, assim como pela psicanálise americana e sua proposta do caráter patológico do fenômeno transexual. A quarta fase inicia-se em meio dos anos 70, “com a reivindicação libertária de uma despatologização radical” da transexualidade por movimentos sociais, para os militantes o “direito a autodeterminação da identidade sexual depende de escolha política”. (CASTEL, 2001, p. 80)

O processo de construção do discurso sobre a sexualidade, analisado por Bento e Castel, instauraram saberes, produziram verdades sobre o sexo, regularam e normatizaram comportamentos. Os processos culturais de produção de conhecimento definiram o que é natural. Nesse sentido, tanto a natureza quanto a biologia são produtos históricos. Portanto, a sexualidade é uma construção social e política, não um dado da natureza. A heterossexualidade passou a ser a norma, e todos os outros comportamentos divergentes foram medicalizados: “A instituição de uma heterossexualidade compulsória e naturalizada exige e regula o gênero como uma relação binária em que o termo masculino diferencia-se do termo feminino, realizando-se essa diferenciação por meio das práticas do desejo heterossexual.” (BUTLER, 2003, p. 45)

Uma das características apontadas na personagem Diadorim é seu desinteresse por sexo, é uma “donzela guerreira”, uma pessoa assexuada, “que nasceu para o dever de guerrear e nunca ter medo, e mais para muito amar, sem gozo de amor...” (ROSA, 2001, p. 620) O enfoque patologizante da transexualidade também caracteriza o fenômeno pela rejeição à genitália, e a falta de “investimento libidinal” é um dos principais aspectos das teorias médicas sobre pessoas transexuais (ARÁN, 2006,

p. 53). Bento (2008, p. 58) esclarece que a elaboração de um diagnóstico sobre transexualidade “terminou por produzir um sujeito transexual universal e homogêneo”. Porém, a organização de trans em coletivos e os compartilhamentos em redes sociais apontam para várias possibilidades de vivências transexuais. (BENTO, 2008)

As expressões sobre transexualidade e travestilidade obviamente não aparecem na obra de 1956 (época em que os estudos sobre o tema estavam apenas se iniciando), que se concentra na relação complexa e nos sentimentos de Riobaldo por Diadorim que é envolvido pelo conflito de serem direcionados a outro homem no meio do sertão e da jagunçagem.

Considerações finais

O amor entre Diadorim e Riobaldo foi sempre interdito ou porque no sertão era proibido o amor entre dois homens, ou porque realizar a paixão significava para Diadorim abrir mão de sua identidade masculina, de ser reconhecido socialmente como homem. Diadorim, dessa forma, é uma personagem que rompe as hegemonias heterossexual e reprodutiva da “regulação binária da sexualidade”. (BUTLER, 2003, p. 41)

Ao final do livro, Riobaldo revela o segredo de Diadorim ao ouvinte-leitor:

era o corpo de uma mulher, moça perfeita... Estarreci. A dor não pode mais do que a surpresa. A coice d'arma, de coronha...
Ela era. Tal que assim se desencantava, num encanto tão terrível; e levantei mão para me benzer – mas com ela tapei foi um soluçar, e enxuguei as lágrimas maiores. Uivei. Diadorim! Diadorim era uma mulher. Diadorim era mulher como o sol não acende a água do rio Urucúia, como eu soluçei meu desespero.

No entanto, este segredo só pode ser revelado a Riobaldo com a morte de Diadorim. A morte possibilitou a explicitação das normas que asseguram o funcionamento da hegemonia heterossexual a partir da genitalização das identidades. Diadorim colocou em questão essas normas porque se tornar mulher ou homem não está determinado pela biologia, mas por experiências, performances sociais. Só quando o corpo é colocado em discurso pode-se materializar o sexo através das normas regulatórias: “O ‘sexo’ é, pois, não simplesmente aquilo que alguém tem ou uma descrição estática daquilo que alguém é: ele é uma das normas pelas quais o ‘alguém’ simplesmente se torna viável, é aquilo que qualifica um corpo para a vida no interior do domínio da inteligibilidade cultural”. (BUTLER, 2000)

Diadorim, portanto, vivenciou sua experiência identitária a partir dos marcos sociais, políticos e culturais do sertão tradicional. As fronteiras do sertão abriram-se à pluralização e à ambiguidade.

“Os corpos não são, pois, tão evidentes como usualmente pensamos. Nem as identidades são uma decorrência direta das ‘evidências’ dos corpos.” (LOURO, 2000)

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Renata de. **Diadorim e Hermógenes**: jogo de duplos e espelhamento em Grande Sertão: Veredas. 2009 Disponível em: <http://www.ufjf.br/revistagatilho/files/2009/12/RenataAlbuquerque.pdf> Acesso em: 26 jul 2018.

ARÁN, Márcia. A transexualidade e a gramática normativa do sistema sexo-gênero. **Ágora**, Rio de Janeiro, v. IX n. 1 jan/jun 2006 49-63. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/0D/agora/v9n1/a04v9n1.pdf> Acesso em: 12 jul 2018.

BATISTA, Edilene Ribeiro. **Diadorim, Maria Moura e Monja Alférez**: faces diferenciadas do mito da donzela guerreira. I Congresso Internacional de Comunicação e Gênero. Sevilha, 2012 Disponível em: <https://idus.us.es/xmlui/bitstream/handle/11441/33371/Pages%20from%20LIBRO%20ACTAS%20I%20CONGRESO%20COMUNICACI%C3%93N%20Y%20G%C3%89NERO.pdf?sequence=1&iAllowed=y> Acesso em: 3 mai. 2018.

BENTO, Berenice Alves de Melo. **O que é transexualidade**. São Paulo: Brasiliense, 2008. (Coleção Primeiros Passos; 328).

BOLLE, Willi. Diadorim: a paixão como médium-de-reflexão. **Revista USP**, São Paulo, n. 50, pp. 80-99, 30 ago 2001 Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i50p80-99> Acesso em: 23 jul. 2018.

BRUSCHINI, Cristina; NUBEHAUM, Sandra G.(Orgs.) Introdução. In: _____. **Gênero, democracia e sociedade brasileira**. São Paulo: Fundação Carlos Chagas: Ed. 34, 2002.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

_____. Regulações de Gênero. **Cadernos Pagu** (42), jan-jun 2014: 249-274.

_____. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do "sexo". In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado**: Pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. (livro eletrônico).

CÂNDIDO, Antônio. Grande sertão veredas: Antônio Cândido sobre Guimarães Rosa. 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nn9YMb6S7VQ&t=29s> Acesso em: 23 jul. 2018.

CARELLI, Fabiana Buiton. Estudos Comparados de Literatura Portuguesa I. UNIVESP, 2014 Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=wJ362z60EU&index=24&t=0s&list=PLxI8Can9yAHe_dUBCbBkxmoWGBjvrF-FV Acesso em: 23 jul. 2018.

CASTEL, Pierre-Henri. Algumas reflexões para estabelecer o “fenômeno transexual” (1910-1995). **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 21, nº 41, pp. 77-111. 2001.

DEMETRIO, Everton. Diálogos de ficção e história: tradição e modernidade no Grande Sertão de Guimarães Rosa. **Mneme** – Revista de Humanidades, 12 (30), jul/dez 2011. Disponível em: www.periodicos.ufrn.br/ojs/index.php/mneme. Acesso em: 10 jul 2018.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. In: _____ (Org.). **O corpo educado: Pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. (livro eletrônico)].

NERY, João W. **Viagem solitária**: memórias de um transexual 30 anos depois. São Paulo: Leya, 2011.

RONCARI, Luiz. **O Brasil de rosa**: mito e história no universo rosiano: o amor e o poder. São Paulo: Editora UNESP, 2004. (livro eletrônico).

ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão**: Veredas. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

ROSENFELD, Kathrin. Grande sertão: veredas – ou – João Guimarães Rosa em busca da universalidade. In: ROCHA, João Cezar de Castro (Org.). **Nenhum Brasil existe** – pequena enciclopédia. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003.

SANTAELLA, Lucia. O corpo cibernético e o advento do pós-humano. In: _____. **Cultura e artes do pós-humano**: da cultura das mídias à cibercultura. São Paulo: Paulus, 2003.

STARLING, Heloísa. Imagens do Brasil: Diadorim. **Semear**. Rio de Janeiro, nº 5, Departamento de Letras/Cátedra Padre António Vieira de Estudos Portugueses/Pontifícia Universidade Católica, 2001. Disponível em: http://www.letas.puc-rio.br/unidades&nucleos/catedra/revista/5Sem_12.html. Acesso em: 21 jul. 2018.

VILALVA, Walnice Matos. Riobaldo/Diadorim e o tema da homossexualidade. **Revista Cerrados** v. 17, n. 25, 2008 Disponível em: <http://periodicos.unb.br/index.php/cerrados/article/view/8381>. Acessado em: 23 jul 2018.

WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado: Pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. (livro eletrônico).

Enviado em: 05/09/19

Aceito em: 21/12/19